UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA – CLIND

JOSÉ ELIVELTON DOS SANTOS INÁCIO

A GEOGRAFIA NA ARTE INDÍGENA: REPRESENTAÇÃO ANCESTRAL NA ALDEIA KARAPOTÓ TERRA NOVA

São Sebastião- AL
2025

José Elivelton dos Santos Inácio

A GEOGRAFIA NA ARTE INDÍGENA: REPRESENTAÇÃO ANCESTRAL NA ALDEIA KARAPOTÓ TERRA NOVA

Artigo Científico apresentado ao Curso de Geografia do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), como requisito à obtenção da nota final do trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Angela Maria Araújo Leite

São Sebastião/AL
2025

A GEOGRAFIA NA ARTE INDÍGENA: REPRESENTAÇÃO ANCESTRAL NA ALDEIA KARAPOTÓ TERRA NOVA

JOSÉ ELIVELTON DOS SANTOS INÁCIO

Aprovado em: 22 de março de 2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
ANGELA MARIA ARAUJO LEITE
Data: 20/05/2025 15:23:30-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dra. Angela Maria de Araújo Leite
(Orientadora – UNEAL)

Documento assinado digitalmente
REINALDO SOUSA
Data: 21/05/2025 22:58:57-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Reinaldo Sousa
Examinador UNEAL

Documento assinado digitalmente
ROBERTO SILVA DE SOUZA
Data: 20/05/2025 18:22:47-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Roberto Silva de Souza
Examinador (UNEAL)

A GEOGRAFIA NA ARTE INDÍGENA: REPRESENTAÇÃO ANCESTRAL NA ALDEIA KARAPOTÓ TERRA NOVA

José Elivelton dos Santos Inácio[1]
Angela Maria Araújo Leite[2]

Resumo

Este trabalho é uma experiência que busca discutir a transmissão da arte indígena como forma de preservação cultural e de resistência identitária, destacando o papel dos artesãos, dos que produzem e cantam o toré, bem como, de quem apresenta as danças, contribuindo na manutenção dos saberes ancestrais. O objetivo é destacar como a arte é essencial para manter viva a conexão dos mais jovens com suas raízes ancestrais, além do fortalecimento coletivo dos povos indígenas. Metodologicamente, a pesquisa adotou os relatos de membros da comunidade, destacando a aprendizagem que ocorreu através da observação e que passa a acontecer como processo de ensino a outros jovens, objetivando produzir e comercializar as peças artesanais. Outro destaque é para as práticas de canto e dança, que servem como meio de comunicação espiritual e agradecimento ao Grande Espírito. Dessa forma, constatamos que a aprendizagem ocorre por meio da observação, das atividades práticas e da troca de conhecimentos, dos mais velhos aos mais jovens, necessitando a inserção de infraestrutura adequada, como espaços de oficina. Concluímos que a arte indígena é um dos pilares da resistência cultural, possibilitando a continuidade das tradições e da manutenção da identidade indígena.

Palavras-chave: Arte indígena. Preservação cultural. Resistência identitária. Saberes ancestrais. Comunicação espiritual.

Abstract

This work is an experience that seeks to discuss the transmission of Indigenous art as a means of cultural preservation and identity resistance, highlighting the role of artisans, those who produce and sing the toré, as well as those who perform the dances, contributing to the maintenance of ancestral knowledge. The objective is to emphasize how art is essential in keeping the younger generations connected to their ancestral roots, in addition to strengthening the collective identity of Indigenous peoples. Methodologically, the research adopted the accounts of community members, highlighting learning that occurred through observation and later evolved into a teaching process for other young people, with the aim of producing and commercializing handcrafted pieces. Another key aspect is the practice of singing and dancing, which serve as a means of spiritual communication and gratitude to the Great Spirit. Thus, we found that learning takes place through observation, hands-on activities, and the exchange of knowledge from elders to younger generations , requiring the inclusion of appropriate infrastructure, such as workshop spaces. We conclude that Indigenous art is one of the pillars of cultural resistance, enabling the continuity of traditions and the preservation of Indigenous identity.

[1] Licenciando em Geografia, pelo CLIND/UNEAL. E-mail: jose.inacio@alunos.uneal.edu.br
[2] Orientadora. Doutora em Educação pela UFRGS. Professora Titular do curso de Geografia da UNEAL, Campus I e CLIND.E-mail: angela.leite@uneal.edu.br

Keywords: Indigenous art. Cultural preservation. Identity resistance. Ancestral knowledge. Spiritual communication.

Considerações iniciais

O artesanato é uma expressão cultural importante para os povos indígenas, transmitindo conhecimentos ancestrais e fortalecendo a identidade cultural. Ao realizar um estudo sobre o artesanato Karapotó Terra Nova busca-se contribuir para a preservação e valorização cultural desse povo. Além disso, a pesquisa visa promover a sustentabilidade econômica na formação intercultural indígena. O artesanato tem potencial para gerar renda e promover o empoderamento econômico das comunidades indígenas. Ao estudar e fomentar o artesanato a pesquisa busca impulsionar a economia local, incentivando a produção e comercialização dos produtos artesanais, gerando trabalho e renda para os indígenas daquela localidade.

A abordagem intercultural favorece o respeito e o diálogo entre diferentes culturas, promovendo o entendimento mútuo e a valorização da diversidade. Este projeto de pesquisa busca estudar as relações interculturais presentes nesse contexto, identificando os impactos do artesanato na formação intercultural dos indígenas e também na relação com a sociedade não indígena já que o convívio é constante nessa localidade, O resgate e fortalecimento do artesanato Karapotó pode contribuir para a promoção do turismo sustentável, uma vez que a produção artesanal é um atrativo cultural e turístico. Dessa forma, o projeto de pesquisa pode fornecer subsídios para a valorização do território, destacando seu patrimônio cultural e incentivando a visitação responsável.

O estudo do artesanato ainda é pouco explorado no meio acadêmico e científico. Ao realizar uma pesquisa sobre esse tema, nas comunidades, podemos contribuir para o avanço do conhecimento sobre a cultura indígena que ainda é tão pouco conhecida. Assim, o projeto de pesquisa se baseia na importância de valorizar, preservar e fortalecer o artesanato como patrimônio cultural e fonte de sustentabilidade econômica nas Aldeias.

A pesquisa está inspirada em intelectuais indígenas e, metodologicamente, embasada na descolonização do pensamento. Nesse sentido, adotamos a autora Linda Smith (2018) quando utilizamos o “contar histórias”, através dos anciãos, para relatar os fatos ocorridos, as aprendizagens e os ensinamentos. Outra abordagem diz respeito “celebrar a sobrevivência”, neste caso, segundo a autora:

> A abordagem reflete-se às vezes em forma de história, às vezes na música popular e às vezes em um evento no qual os artistas e contadores de histórias vêm celebrar coletivamente um senso de vida, de diversidade e de conectividade. (...) Celebrar a sobrevivência como abordagem ou tema passa também pela compilação das histórias dos anciãos (Smith, 2018, p. 169).

A preservação da cultura e das tradições é central para a comunidade, nesse sentido, temos buscado manter nosso modo de vida ancestral em equilíbrio, mesmo com as demandas modernas. A aldeia também enfrenta desafios relacionados à infraestrutura, acesso a serviços básicos e à preservação de suas terras e recursos naturais.

A arte é uma forma crucial para que a nossa identidade se mantenha fortalecida, são nossos cantos, nossas pinturas, nosso artesanato que expressam o nosso modo de viver e (re)existir. Nesse sentido, De Paula; Marques, (2024) afirmam que:

> A arte indígena é, por essência, algo que não se separa da vida. Na contemporaneidade ela é reforçada também como resistência, denúncia e luta pela sobrevivência não só dos indígenas, mas de todas as formas de vida no planeta que os "povos civilizados" tem feito desaparecer. (Sbardelotto; Böckmann; Hariel e Loponte, 2021).

Baniwa (2206), em sua obra "O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje", faz uma discussão sobre a identidade indígena, afirmando que não se pode falar em uma identidade única ou genérica que possa ser aplicada a todos os povos indígenas, pois trata-se de algo político e simbólico, que pode servir para unir e dar visibilidade às diversas identidades étnicas, que são específicas, exemplificando o caso dos Baniwa, Guarani, Terena, Yanomami. Aqui acrescentamos o caso do povo Karapotó Terra Nova, como identidade específica. Reforça ainda que pessoas podem ter um imaginário relacionado ao preconceito e falta de conhecimentos de que todos os indígenas são iguais. Em resumo, Baniwa defende que é primordial reconhecer e respeitas as especificidades de cada povo, em vez de generalizá-los.

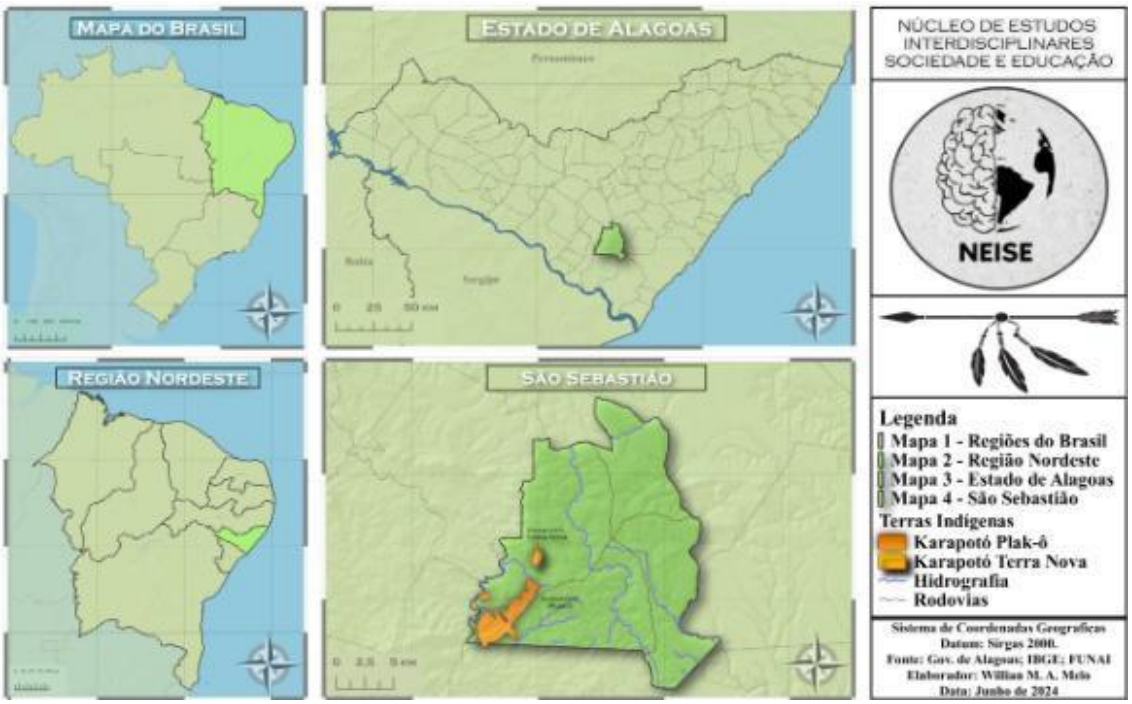
Quando se trata de falar sobre uma geografia indígena, utilizamos a abordagem de Monardo (2023), que utiliza o plural para tratar sobre as geografias indígenas, tratando sobre as especificidades e relações de profundidade que podem ser encontradas na ciência geográfica. Contudo, "mesmo que por vezes coloniais e eurocêntricas, a pesquisa e o estudo dos vínculos entre povos indígenas e/ou sociedades tradicionais e a natureza constitui, na verdade, uma das raízes mais antigas e fundantes da Geografia" (Mondardo, 2023, s.p.).

Uma breve geo-história do Povo Karapotó Terra Nova

O povo Karapotó está localizado na Região Nordeste do Brasil, no sul do estado de Alagoas, no município de São Sebastião, ocupando dois territórios, definidos como

Plak-ô e Terra Nova, conforme mapa a seguir. A Terra Indígena (TI) Karapotó Terra Nova está localizada ao norte da TI Karapotó Plak-Ô, seu nome está associado ao Distrito homônimo.

Figura 1 – Mapa de localização das Terras Indígenas Karapotó



Fonte: Governo de Alagoas, IBGE, FUNAI e NEISE
Elaboração: William Macksuel Almeida Melo

Contar Histórias, tecer narrativas orais, sob perspectivas dos anciãos tornou-se uma parte integrante de todas as pesquisas indígenas. Cada história individual é poderosa. Mas o aspecto principal a respeito dessas histórias não é que elas simplesmente contam uma história, esses novos relatos contribuem para a formação de uma história coletiva em que cada pessoa indígena tem um lugar

Assim, ao tratar sobre a história, optamos por adotar a história oral, como fonte primeira de nossa existência. Dessa forma, em entrevista com a Cacica Nena (Rosicleide dos Santos Silva), para compreender sobre a história do Povo Karapotó, localizado no Distrito Terra Nova, a mesma afirmou que faria uma síntese sobre os fatos vivenciados, a partir de suas vivências.

Nas palavras da Cacica Nena Izidório

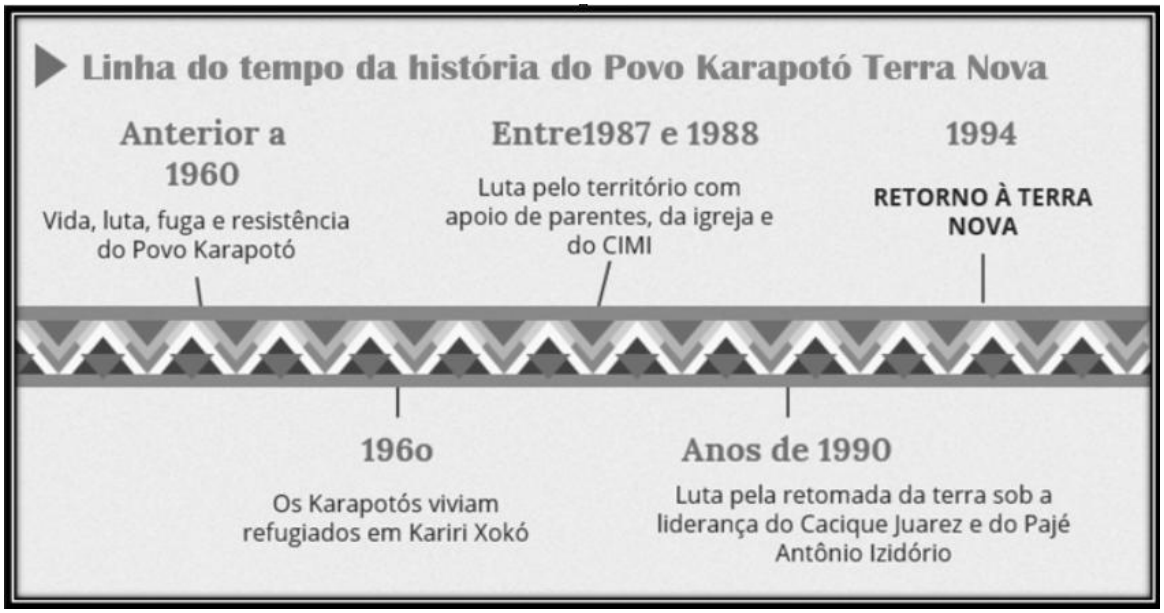
> A história que vem dos meus ancestrais, ouvi e revi alguns momentos dos nossos mais velhos que tiveram e passaram por grandes lutas e, até hoje, passamos por muitas brigas com a justiça por nossos direitos, tudo que já se foi e que de direito

é nosso. Conquistas e reconhecimentos há mais de 60 anos lutando pela conquista de parte do território, juntamente com parentes de outras comunidades, como Kariri Xocó, Tingui Botó, Aconã e outros.
Há mais ou menos na década de 60, quando se juntaram lideranças de Porto Real do Colégio com lideranças de Karapotó Terra Nova, onde ali residia grande parte dos Karapotó, que muitos deles já não estavam mais por ali, alguns por medo, outros fugiram por pressão e obrigados por invasores que ali já se encontravam. Esse foi um dos motivos que foram alavancados para que os Karapotó se refugiassem para o lado de Porto Real do Colégio e às margens do rio de Penedo, descendo pela região de Porto Real do Colégio, isso depois que houve a descentralização da grande maioria dos Karapotó que viviam no Tingui para a Fazenda Taboado, onde vivem hoje os Karapotó Plak-ô. Local onde residia grande parte dos Karapotó era no Tingui da Terra Nova. Ao chegar em Porto Real do Colégio, até os parentes que morreram eram enterrados naquela região do Tingui.
Os anos foram se passando, as famílias crescendo e com a esperança de que um dia tomariam posse de seu território, onde ali passaram seus ancestrais e com grandes movimentos daqueles mais velhos que ali ainda existiam, com o desejo de reconquistar o que já era de grande sofrimento.
Nos movimentos nos anos de 1987 e 1988, sem uma data exata, já existia apoio por parte das igrejas, do CIME e parentes que sempre estiveram presentes junto a grandes lideranças indígenas Karapotó, que participavam nas lutas por nosso povo para garantir nossos direitos, garantindo um futuro melhor às nossas crianças, com direito à preservação cultural e costumes tradicionais.
Sem parar por aí, não perdemos as esperanças de que um novo ciclo começaria a partir do momento que o tio Juarez e o tio Antônio Izidório estiveram vários momentos no Congresso Nacional para destravar o que há muitos, muitos anos se lutava, e os processos saíram para as gavetas, e a esperança dos Karapotó só aumentava cada dia mais.
Até que, no final dos anos 90, na liderança do cacique Juarez e do pajé Antônio Izidório, mais uma vez, movimentou toda a comunidade para a retomada de nossas terras na denominada Fazenda Coqueiro, onde passamos em torno de um ano e meio vivendo ali, sem esperança nenhuma de que pudéssemos ser vistos por aqueles órgãos responsáveis a nos dar o direito, garantindo a nós indígenas. A Fazenda Coqueiro, que era próxima à antiga Fazenda Taboado, foi uma base onde pudéssemos tomar partida direto da antiga Fazenda Taboado, sendo ali um sonho dos Karapotó de chegar ao seu território.
Após uma decisão de reunião tomada no Congresso Nacional com a presença das lideranças, voltaram o tio Juarez e o tio Antônio Izidório com a certeza de que não seria fácil. A certeza era que ali existia um povo com história e com sabedoria para não desistir de tanto caminho percorrido.
Por volta do ano de 1991 a 1992, saímos da Fazenda Coqueiro para a Fazenda Taboado. Anoitecemos na Coqueiro e amanhecemos o dia na Taboado. Passamos três dias e fomos despejados às margens da BR-101, onde passamos mais 30 dias às margens da pista, passamos fome, contraindo doenças, sem nenhuma segurança. Após esse período, recebemos uma liminar para voltar à fazenda por apresentarmos justificativas onde provamos que ali existiam troncos de nossa história.
Passamos mais outra etapa, mas outra vez não sendo diferente, os Karapotó

continuaram na luta por seus direitos e reconhecimentos. Já Terra Nova sempre foi seu ponto, sua base, por motivos superiores que dividiu os Karapotó para Terra Nova, sem destruir ninguém, muito menos sem maltratar os parentes que ali viviam, no ano de 1994.
Estava de volta à Terra Nova com seu povo que dali saiu, com acompanhamento do povo, das lideranças e dos órgãos competentes à causa, dando autonomia ao cacique Antônio Izidório junto com seu povo, que reconquistou novamente seu espaço com direito, respeito e cidadania na sociedade, tornando-se cacique por resgate cultural do seu povo Karapotó, buscando melhorias e liberdade para toda a comunidade.
Até que o destino transformou o que era plano dele. Deus já tinha outro para os dias futuros, quando Deus chamou o cacique Antônio Izidório no dia 11/ de setembro de 2014, junto com seu filho Rosivan dos Santos. Com a comunidade sofrida, ficou sua filha Nena como cacique, dando continuidade aos exemplos que seu pai a ensinou.

As lembranças de um povo remetem não tanto à memória idealizada de um passado de ouro, porém mais especificamente à recordação de um passado doloroso e, mais importante, das respostas das pessoas a essa dor. Embora, coletivamente, as comunidades indígenas possam discutir abertamente a história de eventos dolorosos, muitas vezes há silêncios e lacunas nas narrativas a respeito do que ocorreu depois de tais eventos.

Figura 2: Linha do tempo da história do Povo Karapotó Terra Nova



Fonte: Elaboração própria a partir das pesquisas.

A possibilidade de criação de uma linha do tempo, que caracteriza a história do

Povo Karapotó Terra Nova, a partir da história oral e de documentos, corroboram com a narrativa.

Uma geografia da arte Karapotó Terra Nova

De acordo com Ailton Krenak (2019, p.25), "a arte é uma forma de resistência e de afirmação da nossa identidade. Através dela, contamos nossas histórias e expressamos nossa visão de mundo". Assim, os povos indígenas vão preservando suas histórias, tradições e modo de viver, fortalecendo sua identidade específica e resistindo as tentativas de apagamento cultural. Portanto, a arte é um ato político e (re)existência e continuidade.

O artesanato indígena é a manifestação de identidade de cada povo. Cada peça carrega significados simbólicos e histórias que refletem as crenças, valores e tradições da comunidade. Os artesanatos refletem a inspiração do artesão. Cada padrão, formas e cores utilizadas, muitas vezes têm relação com raízes, rituais e com a natureza.

O povo indígena, de modo geral, utiliza materiais disponíveis em seu ambiente natural, tal como madeira, sementes, palhas, entre outros. Ou seja, cada povo, em territórios diversos, possuem materiais específicos que a natureza lhe reserva. Essa conexão com o meio ambiente não só demonstra a sustentabilidade das práticas artesanais, mas também evidencia o conhecimento profundo que os povos indígenas têm sobre os recursos naturais.

De acordo com Eliane Potiguara. (2018, p.112), "a arte indígena não é apenas uma expressão estética; é um grito de luta e uma afirmação da nossa presença. Cada peça carrega a sabedoria dos nossos ancestrais “. Nesse sentido, apresentaremos a arte do povo Karapotó Terra Nova, a partir das vivências experienciadas na comunidade.

- **O canto e a dança**

O toré que é o som sagrado indígena, é uma parte fundamental de sua cultura, servindo como um meio de transmitir sentimentos, bênçãos e proteção ao Grande Espírito, desempenhando papéis significativos nas comunidades. O canto é uma das formas de preservar a tradição dos conhecimentos ancestrais de geração em geração. Ele ajuda a manter a identidade cultural viva.

Para os povos indígenas o canto vai além de uma expressão artística, é uma conexão com o sagrado, com a natureza e com seus ancestrais. É através do canto que vão

mantendo viva a memória de suas tradições e as transmitem para as novas gerações. Nesse sentido, ao falar sobre o canto, André, conselheiro no Povo Karapotó Terra Nova, afirma que no quesito de cantos, o toré é o som sagrado.

No livro "Cantando as culturas indígenas", Tânia Xucuru Kariri (2012) apresenta a visão de seu povo a respeito do canto, afirmando que,

> O canto é a principal manifestação pública de nossa identidade. Cantando é a nossa maneira de dizermos "estamos aqui". Sobrevivemos e nada vai nos calar! A cada canto nos tornamos mais fortes para continuar cantando nossas culturas e buscando nossos direitos para vivermos com dignidade. Durante milênios, vivemos felizes até chegarem as invasões. Vivemos 500 anos de massacres e perdas irreparáveis como a da nossa língua indígena. Resistimos e, agora, nada vai impedir de continuarmos vivendo por outros muitos milênios, felizes e em paz! (Gerlic, 2012, p.19).

É através do toré que o povo busca o contato com o Grande Espírito, como forma de agradecimento, proteção, paz e sossego para todos da comunidade. É através do toré que os participantes entram em contato com os quatro elementos da natureza: terra, água, fogo e ar. O canto é acompanhado por instrumentos tradicionais, como maracás, cocás, entre outros.

Os cantos refletem a relação dos povos indígenas com a natureza, expressando sua reverência por elementos naturais. O canto também é uma prática que une as comunidades, promovendo laços sociais e fortalecendo a identidade coletiva. O toré é mais do que um simples canto; é uma manifestação de identidade cultural e resistência. Ele serve para reafirmar a presença e a história dos povos indígenas em um contexto muitas vezes marcado por desafios sociais e culturais.

Ao tratar sobre o Toré, Eliana Potiguara (2018, p.88), afirma que:

> Bonito é vestir os trajes do Toré e senti-los como as expressões máximas das relações entre o homem, a terra e Deus. É sentir o sagrado e o universo. [...] É preciso ouvir os velhos, o som do mar e dos ventos. É preciso a unidade entre as famílias, por isso pedimos a Tupã que nos proteja e dê um basta ao sofrimento secular de nosso povo comedor de mandioca. Pedimos à Força Superior que nossos pensamentos se elevem aos mais profundos planos sagrados da espiritualidade indígena, junto aos velhos, aos curandeiros, aos velhos pajés, muitas vezes apagados pelo poder, mas renascidos como força, pela consciência do povo.

A seguir, apresentaremos o refrão de dois torés, cantados na Terra Indígena Karapotó Terra Nova.

Toré todo índio tem ciência

Todo índio tem ciência, todo índio tem ciência, ô meu Deus por quê será

Ô meu Deus por quê será, tem a ciência divina, tem a ciência divina do tronco do Juremá, do tronco do Juremá...

Toré a mata tá libertando

A mata tá libertando...

Os guerreiros estão

voltando A mata tá

libertando...

Os guerreiros estão

voltando, Com as forças

do Ouricurí Os guerreiros

estão aqui..

Com a força do

Ouricurí Os guerreiros

estão aqui...

Rêia rêia rêe, rêia rêê, rêia rôô

Rêia rêia rêe, rêia rêe, rêia rôô..

Tem também o quesito que está em consonância com o canto, que é a dança. Entre elas existe a dança do buzo, que por muito tempo foi uma dança feita apenas nos rituais, depois passou a ser feita em público. O canto e a dança são características não só de um povo específico, mas de toda população indígena.

Figura 3: Dança do Buzo

Fonte: José Elivelton dos Santos Inácio

Figura 4: Ser Karapotó

Fonte: José Elivelton dos Santos Inácio

- **A pintura**

De acordo com Davi Kopenhawa Yanomami (2019, p.85), "a pintura do corpo e as nossas artes visuais são formas de dialogar com os espíritos da floresta. Elas nos conectam com nossas origens e com a terra que habitamos". O autor reforça que tanto a pintura corporal quanto as artes visuais, são expressões profundas da conexão espiritual e

cultural com os ancestrais e a sagrada relação com a terra.

As pinturas são realizadas livremente, de acordo com a inspiração de quem domina a arte da pintura e está executando a ação, baseado em animais, como peixes, cobra, aves, etc.

Dependendo da liderança de cada comunidade, há diferenças entre as pinturas, realizadas em um indígena e um não indígena, neste último caso, com traços aleatórios.

Figura 5: Pinturas corporais indígena

Fonte: José Elivelton dos Santos Inácio

De acordo com André, indígena do povo Karapotó, um dos responsáveis por pinturas corporais, as cores utilizadas possuem significado especial, apresentados na tabela a seguir.

Tabela 1: A pintura e os elementos da natureza

Cor da pintura	Elemento da natureza	Significado
Preto	Retirado do jenipapo ou do carvão	É como se fosse uma barreira um escudo de proteção para nos tornar invisível aos olhos do mal que por acaso esteja circulando por ali.
Vermelho	Retirado do urucum, conhecido como açafrão	Significa guerra situações de conflitos dentro da luta.
Branco	Retirado do toá	Significa paz.

Fonte: Pesquisa de campo

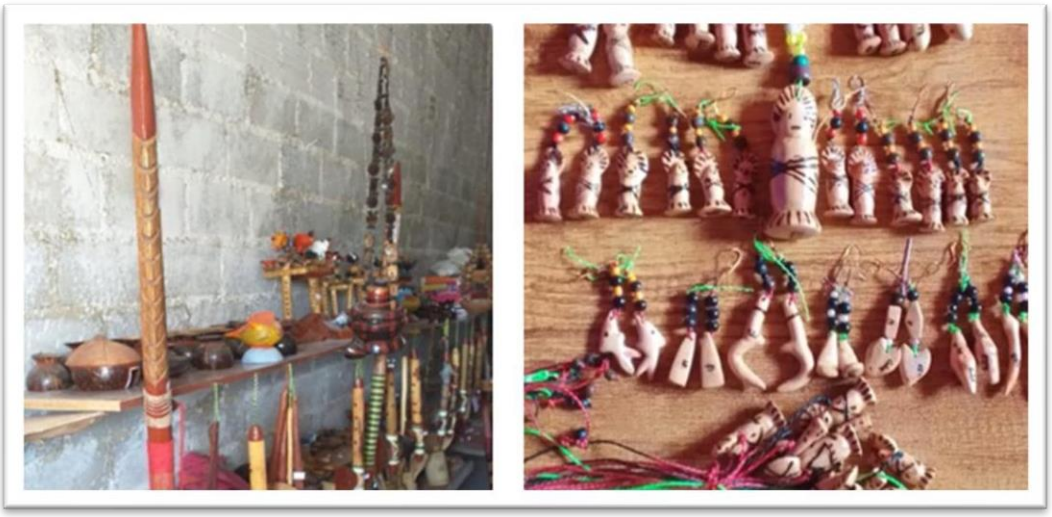
Figura 6: Elementos naturais para a pintura indígena

A: semente do urucum. B: urucum pisado C: fruto do genipapo D: tinta do genipapo
Fonte e elaboração: José Elivelton dos Santos Inácio

- **O artesanato Karapotó**

Na arte é comum ocorrer o encontro entre culturas indígenas, a exemplo da produção do artesanato, onde artesãos passam a produzir elementos da religiosidade de outro povo, como acontece na comunidade Karapotó Terra Nova, expresso na figura abaixo, com a criação de figuras dos Praiás, elemento da religiosidade de base Pankararu.

Figura 7: Artesanato Karapotó Terra Nova



Fonte e elaboração: José Elivelton dos Santos Inácio

Um dos artistas indígenas que se destacam na comunidade é Elenildo dos Santos, que já trabalhou como cortador de cana, na construção da BR 101, fazendo pista e, atualmente, produz sua arte. Em sua entrevista, falando sobre a prática do artesanato para a Aldeia, afirmou que:

> Eu penso assim: a aldeia que não tem uma cultura, para mim, eu como índio, não considero como uma aldeia, e isso é muito importante. Graças a Deus, eu sobrevivo do artesanato; eu faço muitas peças. Se a pessoa me encomendar, dependendo da peça que eu possa fazer, eu faço.

Ao ser perguntado sobre quem lhe ensinou a fazer, respondeu:

> Isso aí foi um dom que Deus me deu. Eu me dediquei, e hoje, praticamente, a minha vida é o artesanato. Sem ele, eu acho que eu não sou ninguém. Eu tenho uma preocupação, porque hoje eu posso estar vivo, né? E o dia de amanhã só pertence a Deus. Eu tenho preocupação, porque eu penso assim: meu Deus, e se eu morrer, o que é que vai ser das nossas crianças? Inclusive, aqui precisamos de uma oficina para ensinar os jovens, que muitos deles não têm recurso para comprar material para produzir. A matéria-prima que a gente planta também, inclusive, eu tenho até plantado sementes, e o pouco, graças a Deus, está dando para eu sobreviver. Pouco, mas dá; não muito, mas está dando.

Perguntamos sobre o que diferencia o artesanato Karapotó dos outros povos indígenas, e quais peças são mais produzidas e mais vendidas, respondeu que:

> Bom, o artesanato da gente, a gente trabalha muito com a matéria-prima que é a palha, sementes naturais, como, por exemplo, o merú, piripiquí, Santa Maria, que se chama lágrima de Maria, entre outros.
> Quanto ao que produzimos e vendemos é pulseira, brinco, colar, cachimbo. Inclusive, o cachimbo a gente usa muito, principalmente nós, povos indígenas.

Por fim, perguntamos onde as peças são vendidas e quais os principais compradores, se são indígenas ou não indígenas.

> Eu vendo na aldeia. Vendia na cidade, mas com pouco recurso, né? Principalmente sobre transporte, que não tenho para me levar para a cidade. E também encomendas, quando o pessoal de fora pede, eu faço. Inclusive, também quando tem eventos, eu vou vender fora junto com meus parentes. Os que mais compram são os não indígenas. Os indígenas compram, mas os não indígenas compram mais, porque eles gostam muito.

A arte das antigas para as novas gerações

Ailton Krenak (2019), no livro “*"Ideias para Adiar o Fim do Mundo"*, afirma que a arte passada dos antigos para os mais novos inclui a arte do canto, que é uma forma de comunicação com o grande espírito, seja para agradecer ou pedir bênçãos para a comunidade. Essa prática ancestral mantém viva a conexão espiritual e cultural, transmitindo valores e tradições às novas gerações. São essas relações que criam conexões

e mantém vivas os saberes e fazeres dos povos originários.

Segundo Swanan, um artesão da aldeia, ele aprendeu a fazer artesanato observando peças já prontas, o que despertou sua curiosidade para começar a produzir. Com o tempo, pegou gosto pela arte, e suas inspirações se materializaram em madeira, sementes e palhas. Atualmente, ele incentiva os jovens da comunidade a praticarem o artesanato em suas próprias casas, já que a aldeia não possui uma oficina dedicada a esse fim. Um exemplo é Israel, um jovem surdo e mudo que, apesar de suas limitações, produz e comercializa artesanato, mostrando que a arte transcende barreiras.

Swanan aprendeu sozinho, apenas observando e com o dom dado por Deus. Hoje, ele repassa seus conhecimentos aos jovens da comunidade, ensinando em sua própria casa. A aprendizagem se dá por meio da troca de conhecimentos, tanto dentro da comunidade quanto com parentes de outras aldeias, fortalecendo ainda mais o âmbito cultural e garantindo a continuidade das tradições indígenas.

Figura 8: Artesãos e sua arte de geração em geração

Fonte: José Elivelton dos Santos Inácio

Considerações Finais

A arte indígena é uma manifestação cultural que vai além do simples ato de criar. Para os povos indígenas é uma forma de comunicação, resistência e identidade, que vai

além do simples ato de criar. Essa arte se torna um veículo de comunicação com o sagrado e com a identidade ancestral. Lembrando que existe uma diferença entre os elementos criados para essa comunicação e o objeto que pode ser uma forma econômica de sobrevivência ou de apresentação cultural em espaços escolares e não escolares.

Nesse sentido, a pesquisa buscou promover e valoriza a arte indígena, visto que esse tema ainda é pouco lembrado no meio acadêmico, e este espaço está demarcado a partir deste trabalho. A preservação da cultura é fundamental para manter a comunidade fortalecida e unida, pois é através dos modos culturais indígenas que somos reconhecidos, seja através de seus costumes, como dança, canto e manifestações culturais ou mesmo do próprio artesanato.

É preciso formas de incentivo para que a arte indígena não morra, tanto pela própria comunidade, como também pelos órgãos públicos competentes, nas esferas municipal, estadual e federal. Hoje, algumas famílias tiram seu sustendo dentro da comunidade, com o próprio artesanato, enquanto outras saem para vender e fazer apresentações em escolas fora da aldeia. Contudo, quando não há perspectiva nenhuma, algumas famílias têm que migrar para outros estados para poder sobrevive. Essa é uma realidade recorrente dentro da comunidade indígena Karapotó Terra Nova; testemunhar os parentes morar fora da aldeia para garantir o sustento de sua família.

Dentro deste contexto é de suma importante deixar claro que a ancestralidade é fundamental para a manutenção de qualquer aldeia pois, é através dela que buscamos forças para dar continuidade a todo um legado que nossos antepassados deixaram, garantindo a cultura e a aldeia viva. Portanto, é imprescindível reforçar que a geografia e o mundo acadêmico podem contribuir ainda mais para o fortalecimento da arte indígena.

Referências

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/Secad; Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2006.

DE PAULA, L. R.. N.; MARQUES, J. Arte Indígena Contemporânea: apontamentos para uma perspectiva não eurocêntrica da História da Arte no Brasil. **ARS (São Paulo)**, *[S. l.]*, v. 22, n. 50, p. e-183725, 2024. DOI: 10.11606/issn.2178-0447.ars.2024.183725. Disponível em: https://revistas.usp.br/ars/article/view/183725.. Acesso em: 23 março. 2024.

GERLIC, Sebastián. **Cantando as Culturas Indígenas**. Coordenação Geral de Educação

Escolar Indígena, 2012. (Coleção Índios na Visão dos Índios, v. 18).

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu**: Palavras de um Xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 147.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 85.

MONDARDO, M. **Geografias indígenas e territórios ancestrais**. Revista tocantinense de geografia -onlinehttps://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/geografia ISSN 2317- 9430.

SBARDELOTTO, S.;BÖCKMANN, B.; HARIEL, S.; L. G. LOPONTE. **Arte indígena contemporânea, territórios e pertencimento**. 2021. Disponível em: https://www.ufrgs.br/arteversa/arte-contemporanea-indigena-territorios-e-pertencimento/. Acesso em 22 mar 2024.